

PREVENÇÃO AO USO ABUSIVO DE DROGAS: UMA ANÁLISE FOCALIZADA NO PAPEL DA ESCOLA E DE SEUS ATORES

PREVENTING DRUG ABUSE: AN ANALYSIS FOCUSED ON THE ROLE OF THE SCHOOL AND ITS ACTORS

PREVENCIÓN DEL ABUSO DE DROGAS: UN ANÁLISIS ENFOCADO EN EL PAPEL DE LA ESCUELA Y SUS ACTORES

Josef Talson Teixeira de Araujo¹

Gabriel Ribeiro²

Resumo: Este estudo teve como finalidade construir um panorama geral sobre a prevenção ao uso indevido de drogas realizada no ambiente escolar. Para o alcance do objetivo realizamos uma revisão integrativa da literatura científica, a partir da base de dados online SciELO Brasil, compreendendo o intervalo temporal de 2011 a 2021. Para a seleção dos artigos, utilizamos três cruzamentos de palavras-chave: (i) drogas, prevenção e ensino; (ii) drogas, prevenção e educação; (iii) drogas, prevenção e escola. Após a etapa de triagem dos artigos, por meio da mobilização de critérios de exclusão, selecionamos 18 trabalhos. Nossas análises concentraram-se em três vertentes, o papel da escola na prevenção ao uso de drogas, programas e intervenções pedagógicas focalizados na prevenção ao uso indevido de drogas e olhar dos atores envolvidos acerca dessas ações preventivas. Verificamos que a escola, hoje considerada como local de formação intelectual e de identidade social, é um espaço propício para o desenvolvimento de ações preventivas, com resultados satisfatórios, apesar dos desafios colocados.

Palavras-chave: Drogas. Prevenção. Escola.

Abstract: This study aimed to build an overview of the prevention of drug abuse carried out in the school environment. To achieve the objective, we carried out an integrative review of the scientific literature, based on the SciELO Brazil online database, covering the time interval from 2011 to 2021. For the selection of articles we used three intersections of keywords: (i) drugs, prevention and education; (ii) drugs, prevention and education; (iii) drugs, prevention and school. After the screening of articles, through the mobilization of

¹ Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: jtalsn19@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8779-1009>.

² Bacharel em Fisioterapia pela Universidade Católica do Salvador (2002), especialista em Fisioterapia Musculoesquelética pela Universidade de Ribeirão Preto (2003), mestre em Morfologia e Medicina Experimental pela Universidade de São Paulo (2005) e doutor em Ciências da Educação, especialidade Educação em Ciências, pela Universidade do Minho (2017). Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: fta_gabrielribeiro@ufrb.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7150-9520>.

exclusion criteria, we selected 18 papers. Our analyzes focused on three aspects, the role of the school in the prevention of drug use, programs and pedagogical interventions focused on the prevention of drug misuse, and the perspective of the actors involved on the preventive actions developed in the school. We found that the school, now considered as a place of intellectual formation and social identity, is a favorable space for the development of preventive actions, with satisfactory results, despite the challenges posed.

Keywords: Drugs. Prevention. School.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo construir una visión general de la prevención del abuso de drogas que se lleva a cabo en el entorno escolar. Para lograr el objetivo, realizamos una revisión integradora de la literatura científica, con base en la base de datos en línea SciELO Brasil, cubriendo el intervalo de tiempo de 2011 a 2021. Para la selección de artículos utilizamos tres intersecciones de palabras clave: (i) drogas, prevención y educación; (ii) drogas, prevención y educación; (iii) drogas, prevención y escuela. Tras la etapa de selección de artículos, mediante la movilización de criterios de exclusión, seleccionamos 18 trabajos. Nuestros análisis se centraron en tres aspectos, el papel de la escuela en la prevención del consumo de drogas, los programas e intervenciones pedagógicas enfocadas en la prevención del consumo de drogas, y la perspectiva de los actores involucrados en estas acciones preventivas. Hemos verificado que la escuela, ahora se considera como un lugar de formación intelectual y la identidad social, es un espacio propicio para el desarrollo de acciones preventivas, con resultados satisfactorios, a pesar de los retos planteados. Creemos que es fundamental repensar el abordaje del consumo de drogas en la escuela, requiriendo la propuesta de estrategias de prevención basadas en el diálogo entre alumnos y docentes, articuladas con los profesionales de la salud.

Palabras-clave: Drogas. Prevención. Colegio.

Introdução

Neste trabalho sobre a prevenção ao uso indevido de drogas no ambiente escolar, partimos do pressuposto de que o consumo de substâncias capazes de alterar o comportamento, o humor e a consciência dos seres humanos é comprovadamente milenar (LABATE; GOULART; FIORE, 2008) e, portanto, não deve ser encarado como um mal a ser combatido. Assim, alicerçados na concepção de redução de danos, utilizaremos, na presente revisão de literatura, o termo “prevenção ao uso indevido de drogas” para enfatizar que nem todo uso de drogas³ é considerado danoso. A questão central para nós prende-se à criação de condições para que cada indivíduo possa desenvolver uma relação de autonomia diante do uso de drogas tendo em vista reduzir os danos a si mesmo e aos outros (CHAGAS *et al.*, 2017).

³ Nesta revisão consideramos o conceito de drogas em uma perspectiva biológica: “droga é toda substância natural ou sintética que introduzida no organismo vivo, pode modificar uma ou mais de suas funções” (OMS, 1993, p. 69).

O consumo de álcool e outras drogas é encarado, em todo mundo, como um grave problema de saúde pública, que traz impactos negativos sobre a saúde física e mental dos jovens. Além de ampliar a vulnerabilidade dos adolescentes ao consumo de outras drogas, o uso indevido do álcool, por exemplo, tem sido visto como um dos principais fatores para a mortalidade por acidentes de trânsito entre adolescentes (ARALDI *et al.*, 2012).

No Brasil, as pesquisas de caráter epidemiológico de base populacional que foram desenvolvidas nos últimos anos apontam que é predominantemente na fase da adolescência que o consumo de álcool e tabaco e outras drogas se inicia, o que traz à tona um problema social e de saúde pública muito grave. Por isso, as ações de prevenção ao uso indevido de drogas são fundamentais durante a adolescência, sendo que estas, de acordo com Pereira, Paes e Sanchez (2016), devem ser desenvolvidas preferencialmente já na infância dos sujeitos.

Nesse sentido, a presente pesquisa teve como objetivo construir um panorama geral sobre a prevenção ao uso indevido de drogas no ambiente escolar. Em termos específicos, objetivamos problematizar a instituição escolar como espaço adequado para a realização de ações preventivas, analisar programas e intervenções pedagógicas em torno desta temática e refletir sobre o olhar dos atores envolvidos nestas ações.

Para o alcance destes objetivos optamos pela realização de uma revisão integrativa de literatura, como abordagem metodológica de pesquisa. Este trabalho contemplou artigos científicos localizados na base de dados SciELO Brasil, selecionados de acordo com um conjunto de critérios de inclusão e exclusão, procedimento que resultou na identificação de 18 publicações que constituíram o corpus de análise desta revisão.

Isto posto, destacamos que o trabalho encontra-se organizado em quatro seções – introdução, metodologia, resultados e discussão, e considerações finais. Desta maneira, a presente revisão sistemática viabilizou uma análise crítica das potencialidades do ambiente escolar enquanto espaço propício a ações e programas de prevenção ao consumo indevido de drogas, assim como sobre os reflexos e resultados da implementação destes na comunidade escolar.

Metodologia

Nesta pesquisa, realizamos uma revisão integrativa de literatura, estratégia considerada mais abrangente em relação a outros métodos, por possibilitar agrupar estudos realizados com diferentes delineamentos metodológicos, de modo a contemplar um sentido

mais amplo da produção científica referente à temática investigada (GANONG, 1987). O trabalho em tela possui também o compromisso de identificar e sistematizar os conhecimentos válidos, na intenção destes poderem servir de respaldo às práticas profissionais, além de oportunizar reflexões sobre o tratamento dado às informações selecionadas.

Dentre as abordagens metodológicas referentes à revisão de literatura, a integrativa é a mais ampla, pois permite ao pesquisador incluir estudos experimentais ou não-experimentais a fim de alcançar uma compreensão completa do fenômeno analisado. Também combina dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar diversos tipos de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico em particular (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Para o desenvolvimento de uma revisão integrativa de literatura, é necessário percorrer seis etapas distintas: (i) identificação do tema da pesquisa; (ii) estabelecimento dos critérios de exclusão e inclusão dos estudos/amostragem; (iii) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; (iv) interpretação dos resultados; (v) avaliação dos estudos incluídos na seleção; (vi) síntese do conhecimento (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014).

Portanto, trabalhos de revisão, assim como outras categorias de estudos científicos, são pesquisas que utilizam fontes de informações eletrônicas ou bibliográficas para aquisição de resultados de estudos de outros autores, a fim de fundamentar teórica e cientificamente um determinado objeto. Todavia, para que os trabalhos de revisão proporcionem resultados de qualidade, estes precisam ser desenvolvidos de acordo com métodos científicos que lhes confira validade (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014).

Desse modo, a presente revisão de literatura resultou de pesquisas de artigos científicos localizados na base de dados SciELO Brasil utilizando os três seguintes cruzamentos de palavras-chave: (i) drogas, prevenção e ensino; (ii) drogas, prevenção e educação; (iii) drogas, prevenção e escola. Portanto, em cada um desses cruzamentos, as palavras-chave foram posicionadas em três campos distintos da base SciELO Brasil, visando a busca de artigos. O primeiro cruzamento de palavras-chave nos permitiu localizar 60 artigos, o segundo também, já o terceiro, 114 trabalhos. Portanto, localizamos 235 artigos.

Neste estudo, definimos alguns critérios de inclusão e exclusão dos artigos. Os critérios de inclusão foram: (i) artigos que contemplaram a temática Educação Preventiva e Drogas; (ii) artigos publicados em português, inglês e espanhol. Já os critérios de exclusão foram: (i) artigos publicados antes de 2011; (ii) artigos que não tiveram adequação ao tema,

como exemplo, os trabalhos com foco na dimensão epidemiológica ou que fizeram um tratamento periférico da temática, em seções introdutórias.

Na Figura 1, encontra-se a estratégia metodológica implementada. Pode-se verificar que, após a fase de identificação, realizamos a triagem, excluindo 216 artigos, restando 18 trabalhos na seleção.

Figura 1 - Procedimentos metodológicos adotados na seleção dos artigos do estudo.

	CRUZAMENTO I DROGAS - PREVENÇÃO - ENSINO	CRUZAMENTO II DROGAS - PREVENÇÃO - EDUCAÇÃO	CRUZAMENTO III DROGAS - PREVENÇÃO - ESCOLA
IDENTIFICAÇÃO	ARTIGOS IDENTIFICADOS POR MEIO DE BUSCA NA BASE DE DADOS SCIELO BRASIL		
	N= 60	N= 60	N= 114
TRIAGEM	ARTIGOS EXCLUÍDOS N= 47	ARTIGOS EXCLUÍDOS N= 58	ARTIGOS EXCLUÍDOS N=111
	TEMPO DE PUBLICAÇÃO - N= 32 DISPERSÃO DE CONTEÚDOS - N=15 DUPLICIDADE - N= 0	TEMPO DE PUBLICAÇÃO - N= 21 DISPERSÃO DE CONTEÚDOS - N= 29 DUPLICIDADE - N= 8	TEMPO DE PUBLICAÇÃO - N= 72 DISPERSÃO DE CONTEÚDOS - N= 33 DUPLICIDADE - N= 6
	ARTIGOS SELECIONADOS N=13	ARTIGOS SELECIONADOS N=2	ARTIGOS SELECIONADOS N=3
SELEÇÃO FINAL	TOTAL DE ARTIGOS SELECIONADOS PARA A PRESENTE REVISÃO DE LITERATURA (N=18)		

Fonte: Os autores.

Resultados e discussão

A presente seção foi composta por quatro subseções. Na primeira, trazemos a caracterização geral dos artigos selecionados para a revisão em tela. Na segunda, discutimos o papel da escola enquanto local privilegiado para o desenvolvimento de ações preventivas relacionadas ao uso indevido de drogas. A terceira subseção teve como foco a descrição e análise dos programas e intervenções pedagógicas implementados no contexto brasileiro. Por fim, na quarta subseção, voltamos ao olhar dos atores envolvidos nas ações preventivas, tendo em consideração os desafios enfrentados por estes.

Caracterização Geral dos Trabalhos Seleccionados

A caracterização dos estudos seleccionados na revisão integrativa está apresentada a seguir. Na Tabela 1, observa-se as informações referentes aos autores dos artigos, ano de publicação dos mesmos, título e objetivos dos estudos seleccionados.

Tabela 1 - Caracterização dos estudos quanto ao ano de publicação, autores, título e objetivos dos estudos.

AUTORES	ANO	TÍTULO	OBJETIVO
Segovia e Gonçalves	2011	Los espacios escolares para la prevención de la drogodependencia: concepción de directivas de escuelas secundarias	Analisar a concepção dos diretores de escolas secundárias sobre a disponibilidade de espaços físicos e psicológicos no ambiente escolar para ações preventivas em relação ao uso de drogas.
Araújo; Oliveira e Cemi	2011	Desenvolvimento de Role-Playing Game para Prevenção e Tratamento da dependência de Drogas na Adolescência	Apresentar o desenvolvimento do <i>Role-Playing Game</i> (RPG) Desafios.
Araldi <i>et al.</i>	2012	Representações sociais sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões de prevenção na escola	Refletir de que modo as representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas repercutem nas ações de prevenção na escola.
Camarotti; Kornblit e Di Leo	2013	Prevenición del consumo problemático de drogas en la escuela: estrategia de formación docente en Argentina utilizando TIC	Analisar discursos de professores participantes do curso virtual de Prevenção de Consumo Problemático de Drogas.
Ribeiro	2013	Máquina de educar, máquina de prevenir: O modelo escolar ocidental e emergência da prevenção às drogas na educação	Entender como o modelo de educação escolar operou enquanto condição de possibilidade para que, diante do aumento do uso de drogas, e da percepção desse fenômeno como um “problema social”, a prevenção emergisse, nos tempos e espaços escolares, como uma tecnologia voltada ao governamento da população e à gestão dos riscos sociais.
Nascimento e Micheli	2015	Avaliação de diferentes modalidades de ações preventivas na redução do consumo de substâncias psicotrópicas em estudantes no ambiente escolar: um estudo randomizado	Avaliar, no contexto escolar, o impacto de três diferentes modalidades preventivas na redução do consumo de substâncias entre os estudantes.
Moreira; Vóvio e Micheli	2015	Prevenção ao consumo de drogas na escola: desafios e possibilidades para o educador	Investigar fatores que podem dificultar o desenvolvimento de ações preventivas na escola, bem como o que é possível e pertinente desenvolver neste âmbito na visão dos participante
Viero <i>et al.</i>	2015	Educação em saúde com adolescentes: análises da aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde	Analisar a aquisição de conhecimentos sobre os temas: Saúde Bucal, Prevenção ao uso de Drogas e Sexualidade.
Monteiro <i>et al.</i>	2016	Curso de prevenção ao uso de drogas: Descrição e avaliação de satisfação	Apresentar e avaliar o Curso de Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas.

Tabela 2 (continuação) - Caracterização dos estudos quanto ao ano de publicação, autores, título e objetivos dos estudos.

AUTORES	ANO	TÍTULO	OBJETIVO
Pereira; Paes e Sanchez	2016	Fatores associados à implementação de programas de prevenção ao uso de drogas nas escolas.	Analisar as características dos dirigentes, das escolas e do currículo escolar estão associadas à implantação de programas de prevenção ao uso de drogas nas escolas do ciclo Fundamental II e médio.
Chagas <i>et al.</i>	2017	Concepções de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre prevenção do uso indevido de drogas	Levantar concepções de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas sobre os conteúdos abordados e sua prática cotidiana.
Peres, Grigolo e Schneider	2017	Desafios da Intersetorialidade na Implementação de Programa de Prevenção ao Uso Abusivo de Drogas	Conhecer as percepções dos profissionais e gestores da saúde e educação sobre os desafios da articulação intersetorial para a implantação de um programa de prevenção ao uso de drogas.
Medeiros <i>et al.</i>	2018a	Estudos de avaliações das intervenções de saúde na escola: revisão integrativa de literatura	Identificar e analisar as evidências disponíveis sobre as estratégias utilizadas nos estudos de avaliação das intervenções de saúde na escola.
Medeiros <i>et al.</i>	2018b	Percepção da comunidade escolar sobre a implantação do programa unplugged em escolas	Investigar as percepções da comunidade escolar sobre o programa <i>Unplugged</i> .
Pedroso e Hamann	2019	Adequações do piloto do programa <i>Unplugged #Tamojunto</i> para promoção à saúde e prevenção de drogas em escolas brasileiras	Elaboração de recomendações de adequação do programa ao contexto brasileiro.
Pereira e Sanchez	2020	Características dos Programas de Prevenção ao Uso de Drogas no Brasil	Identificar as características dos programas de prevenção ao uso de drogas desenvolvidos nas escolas brasileiras e verificar a existência de princípios de boas práticas de prevenção nestes programas.
Novais <i>et al.</i>	2020	A Percepção dos Profissionais de Saúde e da Educação sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Acesso às Informações sobre o Crack	Identificar as Tecnologias de Informação e Comunicação utilizadas por profissionais para auxiliar no conhecimento sobre o <i>crack</i> e no desenvolvimento de programas de prevenção ao consumo e tratamento dos dependentes.
Caron e Machado	2021	O Programa Elos para prevenção do abuso de drogas: repercussões no cotidiano escolar	Discutir as repercussões da implementação do Programa Elos de prevenção ao uso abusivo de drogas.

Fonte: Os autores.

Por meio da análise da Tabela 1, podemos verificar que a maioria dos artigos, cerca 73,4%, concentra-se no recorte temporal dos últimos sete anos. Echer (2001) sugere que o intervalo temporal a ser explorado pelo pesquisador, vai depender do tema escolhido para a pesquisa. No caso de ser uma pesquisa histórica, é mais razoável que se explore tempos longínquos. Já no caso das pesquisas em saúde, por exemplo, é geralmente o oposto, devido ao rápido avanço do conhecimento científico neste campo. Tendo em consideração o objeto de pesquisa do presente estudo – a prevenção ao uso indevido de drogas – consideramos

adequado selecionar um recorte temporal mais recente, devido às fortes influências que este tema sofre dos contextos sócio-históricos.

Os títulos dos artigos selecionados evidenciam uma semelhança em relação à abordagem de ações de prevenção ao uso indevido de drogas desenvolvidas na escola, assim como seus reflexos na comunidade escolar. Tal preocupação é descrita em pesquisas brasileiras que apontam para a precocidade na idade do primeiro uso de álcool e outras drogas, o que só aumenta os riscos do uso abusivo e de prováveis danos à saúde de crianças e jovens (CHAGAS *et al.*, 2017). A escola é um espaço considerado promissor para essas ações preventivas por atingir um grande número de adolescentes ao mesmo tempo (MEDEIROS *et al.*, 2018a).

Verificamos que um expressivo número de trabalhos pretendeu investigar as representações sociais e as percepções dos atores envolvidos nas ações preventivas na escola, com foco nas intervenções realizadas, nas suas funções enquanto agentes e nos reflexos dessas ações no cotidiano escolar. Estes estudos têm apontado a escola como um dos principais espaços para exercitar o fortalecimento de escolhas positivas para a saúde e sua prevenção, como também para a promoção das mudanças de comportamentos e estilo de vida considerados de risco (NASCIMENTO; MICHELI, 2015).

Quanto aos instrumentos para recolha/produção de dados, aspecto não discriminado na Tabela 1, observamos que a maioria das pesquisas foram realizadas por intermédio de questionários e grupos focais com estudantes e profissionais da educação. Isto revela que grande parte das pesquisas e avaliações feitas sobre a temática da prevenção ao uso indevido de drogas no contexto escolar, nos últimos dez anos, têm sido acompanhadas frequentemente por estudos qualitativos. Ainda, é possível observar que os trabalhos foram publicados em revistas de diferentes escopos, mas que parecem tratar essencialmente do binômio saúde e educação.

Sobre o papel da escola na prevenção ao uso de drogas

Nesta seção trataremos do papel da escola como local privilegiado para implementação de ações que visem a prevenção ao consumo indevido de drogas. Iniciaremos nossa argumentação trazendo o conceito de escola na concepção de Chagas e outros (2017), que a descrevem como espaço de constituição dos sujeitos, exercendo a função fundamental

de construção do conhecimento formal de acordo com políticas educacionais estabelecidas pelos interesses da sociedade.

No surgimento da instituição escolar não existia diferenciação e separação de idade por série como é feita hoje em dia. Apenas no século XVII, surge uma proposta de mudança sobre a forma de educar os sujeitos. Nessa conjuntura, a escola tornou-se espaço voltado a educar as crianças, estabelecendo, especialmente, o prolongamento da infância de acordo com a duração do ciclo escolar. Nesse período, a escola apresentava-se como um espaço de isolamento das crianças durante a formação moral e intelectual e associava-se a uma ideia de adestramento, com disciplina rígida e autoritária (CHAGAS *et al.*, 2017).

Atualmente, a escola é um espaço onde os jovens permanecem inseridos por longos períodos de tempo, e tem seu antecedente histórico modelar nos conventos, onde o isolamento ao qual os noviços eram submetidos mostrou-se bastante produtivo em relação à constituição do indivíduo e seu governo. Nessa mesma perspectiva, os jovens que ali encontram-se “isolados” poderiam ser melhor inspecionados, tendo seus comportamentos avaliados e refletidos de forma a ser extraídos deles um conjunto de saberes focados na manutenção da produção dos comportamentos desejados e da ordem (RIBEIRO, 2013).

Deste modo, Ribeiro (2013) aponta a escola como uma instituição que tem como objetivo produzir os tipos de pessoas mais apropriadas à manutenção do funcionamento da sociedade, a fim de estabelecer uma ordem determinada. Assim, a escola pode ser encarada como uma instituição estratégica que funciona no sentido de tornar a vida, o mundo, os indivíduos e a população objetos governáveis. Entretanto, de acordo com as características de nossa sociedade, a instituição escolar tornou-se, cada vez mais, um ambiente, como o espaço familiar, importante para o convívio, educação e formação da identidade pessoal e social das crianças. Portanto, a escola não pode ser considerada apenas um ambiente de transição, com um destino pré-determinado, em que os estudantes se inserem para se tornarem adultos, futuros cidadãos (CHAGAS *et al.*, 2017).

Na visão de Segóvia e Gonçalves (2011), a escola é responsável por conduzir o processo educacional formal, e é nela que se desenvolve o processo de formação do sujeito. Esse espaço é caracterizado pelo embate de ideias, pelas relações de poder e pela circulação de inúmeras concepções de educação (MOREIRA; VÓVIO; MICHELI, 2015). Neste sentido, a escola não é apenas uma instituição de transmissão de saberes, mas, também, o local de desenvolvimento de habilidades e de ações de promoção à saúde (CHAGAS *et al.*, 2017), de formação intelectual e espaço de vivência.

É seguindo esta linha de pensamento que Medeiros (2018a) descreve a escola como fundamental na formação de valores, estilos de vida e hábitos dos adolescentes, uma vez que é um espaço de aprendizado e socialização em que os estudantes passam grande parte do seu tempo. À vista disso, é tida como um ambiente promissor para a implementação de intervenções preventivas por ter um potencial de atingir um grande número de adolescentes, simultaneamente. Além do que, a prevenção ao consumo indevido de drogas no contexto escolar pode de fato integrar as iniciativas sociais, econômicas e de políticas preventivas, não sendo uma ação isolada.

Portanto, a função pedagógica da escola em termos de prevenção seria desenvolver nos estudantes as capacidades e ferramentas que lhes darão suporte para gerir seus impulsos adequadamente, evitando que se “desviem” do caminho correto que há de conduzi-los ao mundo do trabalho e da vida ordeira (RIBEIRO, 2013). Deste modo, quando pensarmos a prevenção/promoção de saúde no contexto escolar é necessário compreender a educação não somente como um processo de socialização e integração, mas também como um caminho no qual se produz sistemas normativos e valores para a vida, marcando dessa forma sua dimensão política (MOREIRA; VÓVIO; MICHELI, 2015).

Logo, é por meio dessa instituição que devem ser desenvolvidos nos sujeitos boas condutas, no que se refere a seus prazeres e aos usos de seus corpos e mentes. Hábitos de higiene, prevenção ao uso indevido de drogas e educação sexual são temas que devem ser considerados no cotidiano das escolas. Reforçando, a escola vai muito além do espaço de inculcação de conhecimentos, trata-se de uma instituição capaz da inculcação de comportamentos (RIBEIRO, 2013).

Pedroso e Hamann (2019) afirmam que as escolas têm posição de destaque pelo seu papel de problematizar e compartilhar as normas sociais e, por este motivo, tornam-se espaços privilegiados para a promoção da saúde, onde as ações preventivas devem ser implementadas de forma a se estender aos demais setores, como o da saúde, na possibilidade da intersetorialidade, contribuindo para o desenvolvimento de intervenções comunitárias que fortaleçam a coesão social, um fator protetor ao uso de drogas.

Desta forma, podemos considerar a escola um local de encontro entre indivíduos de gerações diferentes que não somente se relacionam com a finalidade de ensino e aprendizagem de conteúdos cognitivos, mas desenvolvem, também, novas possibilidades de relacionamento de caráter emocional e afetivo. O espaço escolar proporciona a construção de

subjetividades que participam em comunidade, na qual todos socializam-se no processo de humanização (CHAGAS *et al.*, 2017).

Programas e intervenções pedagógicas focalizados na prevenção ao uso indevido de drogas

Na presente seção, discutiremos as diferentes modalidades de ações preventivas ao consumo indevido de drogas desenvolvidas no contexto escolar, bem como suas características e resultados. Assim, iniciaremos o diálogo com a literatura de modo a esclarecer a importância de projetos de intervenção voltados ao consumo indevido de drogas, e quais seus reflexos na formação e informação dos jovens estudantes.

A prevenção universal, aquela destinada a todos os estudantes de uma determinada série sem distinção do nível de risco para o consumo de drogas é, no contexto escolar, uma das estratégias fundamentais para os adolescentes reduzirem os comportamentos de risco relacionados ao consumo indevido de drogas (MEDEIROS *et al.*, 2018b; PEDROSO; HAMANN, 2019; VIERO *et al.*, 2015). Esse tipo de prevenção, como já foi descrito, refere-se às ações direcionadas a toda população, sem alvos específicos, diferindo, por exemplo, da prevenção seletiva que foca na população avaliada como de risco.

Com base nas estratégias de prevenção universal, alguns estudos evidenciam que intervenções focadas nas habilidades de vida e influências sociais são as que alcançam os melhores resultados no contexto escolar, promovendo mudanças de atitude, crenças e percepções sobre a temática das drogas e seu consumo indevido (MEDEIROS *et al.*, 2018b; PEDROSO; HAMANN, 2019; VIERO *et al.*, 2015). Segundo a OMS (1997), o modelo de habilidade de vida e influência social consiste no desenvolvimento de dez competências agrupadas em categorias complementares, estas são: (1) Autoconhecimento; (2) Empatia; (3) Comunicação Eficaz; (4) Relacionamentos interpessoais; (5) Tomada de decisões; (6) Resoluções de problemas; (7) Pensamento criativo; (8) Pensamento crítico; (9) Lidar com sentimentos e emoções e (10) Lidar com o estresse.

Seguindo esta mesma linha de raciocínio, estudos como o de Nascimento e Micheli (2015) apontam que se os docentes não se apoderarem desse projeto de prevenção universal e não o colocarem em prática, não serão alcançados resultados satisfatórios na redução do consumo indevido de drogas dentro e fora do contexto escolar, pois teremos apenas teorias desvinculadas das práticas efetivas. Isto se confirma quando observamos que, de modo geral, as ações preventivas realizadas no contexto escolar são executadas de maneira pontual, de

forma descontínua, com base em abordagens proibicionistas centradas na repressão ao consumo e no amedrontamento, o que acaba contribuindo para a baixa adesão dos estudantes (MOREIRA; VÓVIO; MICHELI, 2015; NASCIMENTO; MICHELI, 2015).

Portanto, sustentamos que os profissionais da educação, quando são adequadamente capacitados e mantêm uma relação de maior aproximação com seus estudantes, destacam-se na maioria dos programas de prevenção escolar bem-sucedidos. Monteiro e outros (2016) complementa esta perspectiva, ao afirmar que o êxito das ações preventivas depende da sensibilização de todos os profissionais envolvidos nas atividades, quanto à temática do uso de drogas.

O estudo de Nascimento e Micheli (2015), por exemplo, aponta que ações preventivas realizadas por professores – previamente capacitados por especialistas para a realização de seis intervenções, abordando temas como qualidade de vida, sexualidade, violência, uso/abuso de drogas – apresentaram melhores resultados na redução da prevalência ao consumo indevido de drogas. Estas análises envolveram a comparação com intervenções desenvolvidas por um grupo formado por três especialistas em dependência química (dois Psicólogos e um Biólogo) que ministraram, pelo mesmo período (seis semanas), palestras de caráter preventivo para estudantes abordando os mesmos temas. Destaca-se que as duas intervenções alcançaram resultados satisfatórios, observados por meio da redução significativa na intensidade de problemas relacionados ao consumo indevido de drogas, redução do percentual de estudantes que tiveram uso experimental e aumento do percentual de estudantes não usuários.

De agora em diante, passaremos a nos referir aos diferentes tipos de programa de prevenção ao consumo indevido de drogas, desenvolvidos no contexto das políticas públicas, discutindo brevemente o surgimento dos mesmos, assim como seus principais objetivos e características.

Em 2011, o governo do Brasil instituiu o Programa Crack é Possível Vencer, colocando, assim, o consumo indevido de drogas como prioridade na agenda das políticas públicas sociais, especialmente no Sistema Único de Saúde (SUS). Nessa direção, buscando ampliar as ações do programa no contexto escolar, o Ministério da Saúde, em conjunto com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), desenvolveu adaptações do Programa europeu de Prevenção ao uso de Drogas chamado *Unplugged* e do norte-americano *Good Behavior Game*, que produziu as versões brasileiras #Tamojunto e o Elos, respectivamente.

Esses programas foram escolhidos considerando os resultados alcançados por meio de ensaios em países da Europa e da América do Norte, os quais evidenciaram um adiamento no início do consumo de drogas como tabaco, álcool e maconha entre estudantes de 12 a 14 anos (CARON; MACHADO, 2021; MEDEIROS *et al.*, 2018a). “Ambos os programas tiveram um planejamento lógico-operacional fundado sobre uma articulação entre coordenadores das secretarias municipais de saúde e de educação e a equipe técnica do Ministério da Saúde” (CARON; MACHADO, 2021, p.4).

O programa nomeado no Brasil de #Tamojunto (*Unplugged*) é formado por 12 aulas com duração prevista de 60 minutos, ministradas por educadores em escolas do Ensino Fundamental para estudantes de 11 a 14 anos, em 2013, e de 13 e 14 anos, a partir de 2014. Para além dessas 12 aulas, são desenvolvidas, por profissionais de saúde da Atenção Básica e da educação, três Oficinas para pais e comunidade escolar. Sua linha teórica está fundamentada no modelo *Comprehensive Social Influence Model*, que se apoia no seguinte tripé: (i) promoção de habilidades de vida; (ii) informações sobre drogas; e (iii) pensamento crítico frente às crenças normativas (PEDROSO; HAMANN, 2019). Mais informações sobre este conjunto de ações articuladas podem ser encontradas na cartilha #Tamojunto, desenvolvida pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2017a).

Assim como o programa #Tamojunto, o programa Elos também possui ações voltadas às famílias – encontros temáticos com familiares – e um componente escolar, em que os estudantes participam como protagonistas de atividades em grupos, de forma ativa, e os docentes desenvolvem as atividades numa posição de horizontalidade, atuando apenas como facilitadores do processo. O #Tamojunto, voltado para adolescentes, foca as discussões sobre desejos, sentimentos, grupos, sociedade, modos de existência e família. Já o programa Elos trabalha com estudantes de seis a dez anos que, divididos em equipes, desenvolvem atividades regulares na forma de um jogo de regras, chamado Elos (CARON; MACHADO, 2021). É possível encontrar mais informações sobre o jogo Elos, no guia do educador desenvolvido pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2017b).

Medeiros e outros (2018b), em sua pesquisa, destacam a melhoria das relações de convivência entre educadores-estudante e entre estudante-estudantes como resultado da metodologia aplicada em sala de aula com a implementação do programa *Unplugged* (#Tamojunto, no Brasil). Isso foi identificado nos grupos focais com educadores e administradores realizados em sua investigação. Neste sentido, além dos resultados favoráveis sobre a diminuição do uso indevido de drogas, há também o indicativo de melhora do

ambiente escolar, o que surge como potencial desfecho secundário no campo da promoção da saúde e como desfecho primário na promoção da educação.

A proposta do jogo Elos é promover a participação coletiva em atividades curriculares regulares desenvolvidas em equipes ou grupos, seguindo um conjunto de regras do jogo, as quais estão diretamente relacionadas a boas condutas. Com duração média de 10 a 30 minutos, o jogo Elos dispõe de quatro regras básicas que são explicadas e pactuadas no início de cada partida: (i) tipo de modalidade que os estudantes podem ter durante a atividade – parada (vermelho), mobilidade delimitada (amarelo) e mobilidade livre (verde); (ii) nível de voz que podem exercer durante a atividade – silêncio, cochicho, voz de grupo, apresentação e voz de rua; (iii) haver respeito e gentileza; (iv) realizar a atividade. Não solicitar ajuda do professor é a principal regra do jogo, e os estudantes são instruídos a resolver em equipe todas as necessidades relacionadas à execução da tarefa (CARON; MACHADO, 2021).

Os resultados da experiência do jogo na sala de aula evidenciaram possibilidades de (re)pactuação de regras e revisão de condutas a partir do que acontecia durante cada partida. O questionamento de certas condutas durante a aplicação do jogo em sala de aula (por exemplo, um estudante que não queria participar e o grupo inteiro tomou para si o problema) exigiu a promoção de espaços debates, em que os desafios de um certo contexto puderam ser trabalhados nos encontros de acompanhamento (CARON; MACHADO, 2021).

Para além dos programas referidos, cabe destacar o potencial de outras estratégias de intervenção pedagógica, como o Role-Playing Game (RPG) ou “jogo de interpretação de personagens”, um tipo de jogo onde os estudantes assumem papéis de personagens, criando narrativas de maneira colaborativa. No estudo de Araújo, Oliveira e Cemi (2011) foi avaliado o potencial do RPG intitulado Desafios.

O RPG Desafios é um jogo que tem mostrado potência em trabalhos de prevenção ao uso indevido de drogas. Esse jogo pode ter seis participantes (jogadores) mais o “Mestre” que dirige o RPG, que pode ser um educador ou profissional da saúde. O jogo é composto por cartas: (i) Personagens adolescentes de diferentes perfis (o Sufista, o Roqueiro, o Estudioso etc.), que têm pontos distribuídos em atributos como: Coragem, Força, Saúde, Inteligência, Simpatia, Empatia; (ii) Desafios como “Ser posto na lista dos dez mais ridículos da turma”; (iii) Estratégias simples como: “Fazer Relaxamento Respiratório” e Estratégias Perigosas que são consideradas Porções Mágicas que simbolizam algumas drogas (Ligol, Charmix, Dormepina, Lembrazepam e Viajolin) e (iv) Prêmios com diferentes valores (Diploma, Ipod) (ARAÚJO; OLIVEIRA; CEMI, 2011).

Ferramentas pedagógicas dessa natureza procuram focar as dificuldades para lidar com situações problemáticas como: ter de fazer ou receber críticas, enfrentar situações de risco para o uso indevido de drogas etc. Os procedimentos usados no Treinamento de Habilidades em grupo são verbais e dramatizações (role play), sendo escolhidas situações reais a serem treinadas que serão dramatizadas sem a construção de um roteiro pré-estabelecido, podendo haver troca de personagens para que diferentes respostas sejam avaliadas e que todos os membros possam ter a possibilidade de treinar as habilidades definidas (ARAÚJO; OLIVEIRA; CEMI, 2011).

Nesse sentido, Araújo, Oliveira e Cemi (2011) apontaram, em sua pesquisa, que os adolescentes participantes da intervenção preventiva feita com base no jogo RPG Desafios, relataram ter achado a prática muito divertida e útil para “fazer pensar”. Também foi observado pelos autores que a motivação entre os jovens ia crescendo à medida que a aplicação do jogo se desenvolvia e o grupo ia se conhecendo, sendo esse fato mais evidente entre os estudantes do ensino médio. Outro ponto que chamou atenção dos pesquisadores foi a importância dada pelos adolescentes de baixa renda aos prêmios de maior valor e o fato de que ganhar a premiação, em algumas situações, era mais importante que a discussão dos desafios e estratégias, o que não foi observado entre os jovens de classe média. Percebeu-se que esse grupo se preocupava mais com os prêmios que tinham relação com prestígio e autoimagem.

Tendo em conta os pontos levantados nesta seção, o caminho para a promoção da saúde e prevenção ao consumo indevido de drogas na escola não pode ser encarado como uma “guerra às drogas”, mas sim como um processo de coesão social e de poder libertador. Ações em que os profissionais atuam como mediadores junto aos estudantes, rompendo com práticas pré-estabelecidas e autoritárias e aprendendo a atuar, considerando paixões, medos e alegrias, são as ideais. O que está em pauta na promoção da saúde não se trata apenas de adequação de conteúdo, mas de um convite à mediação de emoções (PEDROSO; HAMANN, 2019).

Pesquisas do campo da ciência da prevenção apontam que as ações preventivas ao consumo indevido de drogas necessitam estar fundamentadas em evidências científicas, em outras palavras, que tenham indicado resultados positivos em estudos de avaliação de eficácia, assim, economizando recursos humanos e financeiros investidos em ações de pouco ou nenhum efeito (PEREIRA; SANCHEZ, 2020).

Embora exista um movimento internacional de expansão e fortalecimento de programas de prevenção baseados em evidências em escolas, aqui no Brasil o cenário é outro,

uma vez que ainda existem lacunas resultantes da falta de oferta de programas baseados em evidências (PEREIRA; PAES; SANCHEZ, 2016), do despreparo dos docentes para abordar essa temática em suas aulas, da disponibilidade de informações confiáveis sobre drogas e do quase inexistente suporte da gestão escolar (MEDEIROS *et al.*, 2018a).

Olhar dos atores envolvidos acerca das ações preventivas desenvolvidas na escola

Na presente seção, discutiremos as diferentes perspectivas dos atores implicados nas ações preventivas relacionadas ao uso indevido de drogas nas escolas. Desta forma, focalizaremos nossas análises nas visões dos educadores quanto ao seu papel nas ações de prevenção ao consumo indevido de drogas e nos desafios enfrentados por educadores e profissionais da Saúde na intersetorialidade das ações preventivas.

Iniciaremos o diálogo com a literatura considerando as diferentes perspectivas sustentadas pelos professores acerca das ações em torno do uso indevido de drogas. Trabalhos como o de Medeiros e outros (2018a) trazem relatos de professores e administradores que apontam a importância da formação continuada por meio de oficinas de formação voltadas aos programas de prevenção. Esses atores consideram tais práticas como etapa fundamental do processo de implantação de ações preventivas, pois promovem o desenvolvimento de habilidades para a aplicação em sala de aula, gerando maior segurança com o tema e a metodologia do programa.

Entretanto, observamos que muitos profissionais da área da educação não consideram a discussão da temática sobre o uso de álcool e outras drogas como sua função, entendendo que a atuação neste campo deve ser realizada por profissionais especializados (SEGOVIA; GONÇALVES, 2011). Apesar do papel relevante do professor no contexto de formação e informação do estudante, quando o assunto é o consumo de drogas, poucos se voluntariam a trabalhar com esse tema em suas aulas. Nesse sentido, alguns estudos apontam que entre os educadores predominam representações sociais e concepções negativas e estigmatizadas como medo, impotência, despreparo, o que só dificulta e atrapalha a implementação de ações preventivas nas escolas (ARALDI *et al.*, 2012; CAMAROTTI; KORNBLIT; DI LEO, 2013; MOREIRA; VÓVIO; MICHELI, 2015).

A maioria dos professores acredita que os estudantes de suas escolas têm contato com as drogas fora do espaço escolar, e que esse contato se dá de forma indireta, por meio de familiares ou da comunidade onde residem. Esse ponto de vista se baseia na ideia de que o

cigarro e o álcool são drogas que estão comumente presente no cotidiano desses jovens, por meio dos hábitos dos pais ou de outros membros da comunidade onde vivem. Portanto, esses docentes afirmam que muitos jovens têm um contato precoce com as drogas, não por usarem, mas por vivenciarem o consumo (CHAGAS, *et al.*, 2017).

Seguindo essa compreensão, alguns professores relatam que a temática das drogas não deve ser abordada na escola, pois essa não possui a função de assumir essa demanda, já que “a responsabilidade é dos pais. A escola pode ajudar em relação às amizades, mas a escola já tem muita coisa para fazer e não aguenta se responsabilizar por mais essa” (CHAGAS *et al.*, 2017 p.7). Entretanto, acreditamos que se o assunto das drogas é tema de debates entre os estudantes, como foi afirmado por alguns professores, o que pode significar que as drogas podem sim fazer parte do cotidiano desses jovens. Ainda que esse contato com as drogas seja apenas por meio dos familiares e da comunidade onde vivem, a instituição escolar deve posicionar-se em relação a isso e considerar tudo aquilo que os estudantes trazem (CHAGAS *et al.*, 2017).

Nessa perspectiva, existe também uma representação negativa da família, por parte de alguns docentes, no que tange ao seu potencial de proteção dos jovens frente ao consumo de drogas. Esse aspecto tem sido amplamente discutido em estudos que enfatizam a importância do fortalecimento da família para o enfrentamento a problemas sociais como violência, uso de drogas e outras situações de risco. Outros professores, porém, acreditam que a presença dos pais na escola faz parte de uma construção coletiva, e que os pais em parceria com a escola podem, sim, ser importantes alicerces para o desenvolvimento de ações de enfrentamento contra o consumo de drogas (ARALDI *et al.*, 2012).

No estudo de Chagas e outros (2017), foi evidenciado nas falas dos professores os desafios ao tentar essa aproximação (articulação) entre escola e família. Uma docente destacou a importância do professor saber ouvir seus estudantes, pois esse profissional tem uma função fundamental na relação com a família ao contribuir em um cuidado adequado de seus jovens. Outra professora constata que os pais também entendem que os professores são referências na criação de seus filhos. Portanto, a escola deve servir de apoio à família e não a substituir.

Nesse sentido, e diferente das posições já apresentadas, a escola é encarada por alguns docentes como principal instituição encarregada de liderar a batalha contra o consumo de drogas entre os adolescentes, em nome das famílias e da sociedade como um todo. E tem como função principal garantir um melhor futuro para os jovens do país, promovendo

ferramentas de enfrentamento aos riscos gerados pelo mercado das drogas e as múltiplas situações de vulnerabilidade vivenciadas pelos adolescentes (CAMAROTTI; KORNBLIT; DI LEO, 2013).

Entretanto, o modelo de prevenção adotado na maioria das escolas ainda é o tradicional, fundamentado na repressão comumente conhecida como “guerra às drogas”. Esse modelo parte do princípio da moral e do medo, o que tem sido muito criticado por especialistas por não ser eficaz, sobretudo quando se trata de jovens (ARALDI *et al.*, 2012), ao contrário de modelos de prevenção já citados na seção anterior da presente revisão.

Passaremos agora a nos referir aos pontos de vista dos profissionais de saúde, quanto à qualidade e eficiência das estratégias para obtenção de conhecimentos acerca das drogas, e os principais desafios encontrados por esse grupo para a manutenção da intersetorialidade.

Quando comparamos os dois grupos profissionais (da educação e os da saúde), podemos identificar a fragilidade sobre como cada grupo usa seu conhecimento a favor de seus objetivos específicos, sejam eles didáticos ou terapêuticos. Tanto no âmbito da educação quanto no da saúde, é notável a necessidade de uma abordagem ampla e multiprofissional para os usuários de drogas (NOVAIS *et al.*, 2020).

Tendo em vista que essas duas esferas profissionais precisam caminhar na mesma direção para obter melhores resultados quando se trata de prevenção ao consumo indevido de drogas, o Programa Saúde na Escola (PSE), proposto em 2007, pressupõe a articulação entre os Ministérios da Saúde e da Educação para realização de ações integradas, tendo como principal objetivo promover ações de prevenção de risco e danos, e a promoção da saúde no contexto do cuidado e da educação integrais, estando em seu cerne a prevenção ao consumo de drogas (PERES; GRIGOLO; SCHNEIDER, 2017).

O PSE viabilizou o acesso da Equipe de Saúde à escola e beneficiou o diálogo entre esses dois setores (educação e saúde). Apesar disso, mesmo com essa tática de aproximação intersetorial, alguns obstáculos permaneciam, uma vez que diversas ações do PSE acabavam sendo encaradas como visitas pontuais da saúde no ambiente escolar, mas não necessariamente uma articulação entre esses setores (PERES; GRIGOLO; SCHNEIDER, 2017).

Assim, alguns profissionais relataram que a relação intersetorial pode possibilitar a ampliação do cuidado aos jovens educandos e às famílias, do mesmo modo que pode ampliar suas percepções acerca das situações que envolvem o consumo e a prevenção ao uso indevido de drogas, assim como auxiliar na criação de estratégias conjuntas de intervenção (PERES;

GRIGOLO; SCHNEIDER, 2017). Quando os dois serviços (saúde e educação) se articulam, o olhar e percepção que se tem do contexto e das pessoas se torna mais amplo e compreensível, de modo que a intervenção pode ser mais assertiva.

Seguindo essa linha, houve destaque na fala dos profissionais da saúde e educação sobre a importância da implementação do Programa *Unplugged* (#Tamojunto no Brasil). Para estes, o programa favoreceu o diálogo intersetorial e viabilizou meios de entrada na prática cotidiana (PERES; GRIGOLO; SCHNEIDER, 2017). Contudo, foram destacados obstáculos enfrentados pelos profissionais da educação e saúde para construir essa articulação intersetorial. Ambos relatam questões políticas, pessoalização das relações intersetoriais, dificuldade em compreender o significado de intersetorialidade, falta de receptividade de um setor para com o outro, dentre outros, como fatores limitantes para promoção de ações preventivas eficazes (PERES; GRIGOLO; SCHNEIDER, 2017, p. 877).

Outro fator que limitou a articulação entre saúde e educação, segundo os relatos dos profissionais envolvidos na pesquisa de Peres, Grigolo e Schneider (2017), foi a personalização dos projetos nos diferentes setores, ou seja, cada setor elegeu um profissional como articulador da intersetorialidade e o projeto, muitas vezes, deixou de ser da equipe para ser exclusivamente desse profissional.

Destacamos que a compreensão da práxis intersetorial deve ser um dos pré-requisitos para os gestores destas ações. Caso esses não tenham conhecimento teórico-prático e não estejam disponíveis para atuar de maneira intersetorial, isso pode comprometer toda a implantação de políticas públicas dessa natureza, em razão de que será realizada a ação na direção multiprofissional ou multisetorial. Isto significa setores trabalhando com a mesma demanda de forma sobreposta e não compartilhada (PERES; GRIGOLO; SCHNEIDER, 2017).

Portanto, os posicionamentos dos gestores parecem não estar focados na direção da intersetorialidade, o que se revela nos obstáculos cotidianos relatados pelos profissionais envolvidos. E deixa claro a difícil articulação entre as Secretarias de Saúde e as Secretarias de Educação.

Considerações Finais

A presente revisão sistemática possibilitou o desenvolvimento de um panorama geral sobre a prevenção ao consumo indevido de drogas no contexto escolar. Com este cenário

traçado, foi possível identificar que, na última década a maioria das pesquisas voltadas a essa temática teve como cerne as intervenções pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar, assim como os reflexos destas entre os profissionais e os estudantes.

Diante do panorama apresentado, o estudo em tela possibilitou a problematização da instituição escolar como espaço promissor a práticas pedagógicas e ações que visem a prevenção ao uso indevido de drogas. Fundamentados nos estudos selecionados, percebemos que a escola passou por diversos momentos histórico-culturais, e que atualmente se enquadra como um espaço de vivência onde os estudantes estão inseridos não somente para alcançar habilidades de cunho intelectual, mas também de experiências de vida. Portanto, a instituição escolar não deve ser considerada apenas como local de promoção de saberes, pois é também espaço de construção de boas condutas e projetos de vida saudáveis.

A presente revisão também possibilitou estabelecer uma análise dos programas e intervenções pedagógicas que foram implementadas nas escolas brasileiras na última década. Os programas governamentais #Tamojunto e o Programa Elos podem ser destacados quanto aos seus resultados favoráveis e o grande número de participantes alcançados. Outro ponto que podemos dar ênfase é o grande número de estudos desenvolvidos que buscaram investigar as concepções dos profissionais quanto à implementação destes programas e seus reflexos nas práticas educativas e no cotidiano escolar.

Baseado nesses estudos, foi possível refletir sobre o olhar dos atores envolvidos nestas ações de promoção à saúde. Tais reflexões possibilitaram compreender que muitos educadores, apesar de apoiarem a implementação de tais ações e de considerarem estas como importantes para a formação de seus alunos, não admitem como sua função o labor dessa temática em suas aulas, ou, não se sentem seguros o suficiente para tratar o uso indevido de drogas com os estudantes.

Este estudo utilizou apenas artigos indexados na base de dados SciELO Brasil, selecionados a partir do cruzamento de palavras-chave como, por exemplo, (drogas – prevenção – ensino) o que pode ter limitado a pesquisa tanto a um espaço de tempo específico (última década), quanto a um núcleo específico de autores e estudos (aqueles indexados na base de dados SciELO Brasil).

No entanto, podemos constatar, com as informações levantadas, que o uso indevido de drogas está tendo início cada vez mais precoce entre os adolescentes, e isto vem expondo os profissionais da educação e saúde a um grande desafio: quais estratégias de intervenção eles poderiam desenvolver no contexto escolar?

Deste modo, esta revisão apresenta trabalhos que propõem ações educativas de caráter dialógico, de construção de estratégias preventivas focadas em habilidades de vida e promoção de formação sobre a temática, pois, aparentemente, a maioria destes profissionais não se sente segura a respeito de quais metodologias devem usar.

Nessa perspectiva, é fundamental repensar os modelos de como vem sendo discutido e abordado o uso de drogas nas escolas, não somente buscar metodologias e técnicas tradicionais de ensino, mas propor aos estudantes estratégias que proporcionem espaços de debate sobre essa temática. Como descrito por muitos autores presentes neste estudo, a escola deve ser local de socialização e educação dos indivíduos.

Reforçamos que os educadores, os profissionais da saúde e os familiares necessitam manter uma relação de aproximação com os estudantes para que estes se desenvolvam e aprendam conhecimentos que lhes vão oportunizar a tomada de decisões conscientes no presente e no futuro.

Portanto, através da leitura dos trabalhos selecionados para a presente revisão, percebemos que o uso indevido de drogas vai além de uma questão social, é considerada também uma questão de saúde pública. Ainda que o repasse de informações sobre a temática seja feito aos indivíduos de forma clara e contextualizada, isso não diminui o consumo de drogas, e mesmo que isso possa ser considerado um primeiro e importante passo para a promoção da prevenção, este não é o único.

Consideramos que este trabalho pode trazer novos conhecimentos e possibilitar uma reflexão sobre possíveis intervenções dentro do contexto escolar. Vista disso, recomenda-se então elaborar, nas escolas, ações educativas de caráter preventivo, envolvendo os estudantes, os pais, e toda comunidade escolar, sobre o uso de tabaco e álcool, assim como outras drogas e seus efeitos maléficos para a saúde.

Por fim, é necessário incentivar/ajudar os educadores e profissionais da saúde a desenvolverem habilidades para a realização de processos educativos sobre a temática em tela, focalizando os debates nos contextos de vida dos estudantes, contribuindo desta maneira para a promoção da saúde dos mesmos.

Referências

ARALDI, Jossara Cattoni *et al.* Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção. **Interface** -

Comunicação, Saúde, Educação, v. 16, n. 40, p. 135-46, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012005000002>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ARAÚJO, Renata Brasil; OLIVEIRA, Maíra Maria de Alencar; CEMI, Jeferson. Desenvolvimento de Role-Playing Game para Prevenção e Tratamento da Dependência de Drogas na Adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 3, p. 347-356, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000300010>. Acesso em: 20 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Programa #tamojunto: prevenção na escola: guia do professor. **Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017a. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/programa_tamojunto_prevencao_escola_guia_professor.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Programa Elos: construindo coletivos: guia do educador. **Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017b. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/programa_elos_guia_educador.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

CAMAROTTI, Ana Clara; KORNBLIT, Ana Lía; DI LEO, Pablo Francisco. Prevención del consumo problemático de drogas en la escuela: estrategia de formación docente em Argentina utilizando TIC. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.17, n.46, p. 695-703, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832013005000023>. Acesso em: 20 dez. 2020.

CARON, Eduardo; MACHADO, Adriana Marcondes. O Programa Elos para prevenção do abuso de drogas: repercussões no cotidiano escolar. **Pro-Posições**, v. 32, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-0072>. Acesso em: 13 ago. 2021.

CHAGAS, Julia Chamusca. *et al.* Concepções de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental sobre prevenção do uso indevido de drogas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 71, p. 1-20, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017227179>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ECHER, Isabel Cristina. A Revisão de Literatura na construção do trabalho científico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 22, n. 2, p. 5-20, 2001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rgenf/article/view/4365>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão Integrativa *versus* Revisão Sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 1-260. 2014. Disponível em: <http://reme.org.br/artigo/detalhes/904>. Acesso em: 20 dez. 2020.

GANONG, L.H. Integrative reviews of nursing research. **Research in Nursing & Health**, New York, v. 10, n.11, p. 1-11, 1987. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/nur.4770100103>. Acesso em: 13 ago. 2021.

LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia; FIORE, Mauricio. **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MEDEIROS, Eliabe Rodrigues de *et al.* Estudos de avaliação das intervenções de saúde na escola: revisão integrativa de literatura. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online]. 2018a, v. 26 [Acessado 22 Maio 2021], e3008. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1518-8345.2463.3008>. Acesso em: 13 ago. 2021.

MEDEIROS, Pollyanna Fausta Pimentel de *et al.* Percepção da comunidade escolar sobre a implementação do programa *Unplugged* em escolas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 1, 2018b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392018014256>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MONTEIRO, Érika Pizziolo. *et al.* Curso de prevenção ao uso de drogas: Descrição e avaliação de satisfação. **Estudos de Psicologia**, v. 21, n. 3, p. 328-336, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160031>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MOREIRA, André; VÓVIO, Cláudia Lemos; MICHELI, Denise de. Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para atuação do educador. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 1, p. 119-135, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022015011670>. Acesso em: 20 dez. 2020.

NOVAIS, Maykon Anderson Pires de *et al.* A Percepção dos Profissionais de Saúde e da Educação sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Acesso às Informações Sobre o Crack. **Ciência & Educação**, v. 26, e20049, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320200049>. Acesso em: 13 ago. 2021.

NASCIMENTO, Marcelo Oliveira do; MICHELI, Denise de. Avaliação de diferentes modalidades de ações preventivas na redução de substâncias psicotrópicas em estudantes no ambiente escolar: um estudo randomizado. **Rede de Revistas Científicas da América Latina**, v. 20, n. 8, p. 2499-2510, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015208.15152014>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE: **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PEDROSO, Raquel Turci; HAMANN, Edgar Merchan. Adequação do piloto do programa *Unplugged#Tamojunto* para promoção à saúde e prevenção de drogas em escolas brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 371-381, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.32932016>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PEREIRA, Ana Paula Dias; PAES, Ângela Tavares; SANCHEZ, Zila. Fatores relacionados à implementação de programas de prevenção ao uso de drogas nas escolas. **Revista de Saúde**

Pública, v. 50, n. 44, p. 1-10, 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2016050005819>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PEREIRA, Ana Paula Dias; SANCHEZ, Zila. Características dos Programas escolares de prevenção ao Uso de Drogas no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 8, p. 3131-3142, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020258.28632018>. Acesso em: 13 ago. 2021.

PERES, Girlane Mayara; GRIGOLO, Tania Maris; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Desafios da Intersetorialidade na Implementação de Programas de Prevenção ao Uso Abusivo de Drogas. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 37, n. 4, p. 869-882, out./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003272016>. Acesso em: 13 ago. 2021.

RIBEIRO, Tiago. Máquina de educar, máquina de prevenir: o modelo escolar ocidental e emergência da prevenção às drogas na educação. **Educação & Sociedade**, v. 34, n. 123, p. 441-445, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302013000200007>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SEGOVIA, Nora Susana; GONÇALVES, Marlene Fagundes Carvalho. Los espacios escolares para la prevención de la drogodependencia: concepción de directivas de escuelas secundarias. **Rev. Latino-Americana de Enfermagem**, v. 19, p. 782-788, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000700016>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SOUZA, Marcela Tavares; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n.1, p. 102-6, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>. Acesso em: 20 dez. 2020.

VIERO, Vanise dos Santos Ferreira *et al.* Educação em saúde com adolescentes: análise de aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde. **Escola Ana Nery Revista de Enfermagem**, v. 19, n. 3, p. 484-490, jul./set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150064>. Acesso em: 20 dez. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Programme on Mental Health: Division of Mental Health, Life Skills Education in Schools**. Genebra: WHO, 1997.

Recebido em: 24 de agosto de 2021.

Aprovado em: 27 de setembro de 2021.